

## TONALIDADES MÚLTIPLAS NA POESIA DE MARIA REZENDE

Douglas Rosa da Silva<sup>1</sup>

Mulher é desdobrável. Eu sou.  
*Adélia Prado*

A poesia brasileira recente tem dois traços muito particulares: apropriação e recriação. Apropria-se, justamente, para recriar, garantindo ao ato de composição poética um tom reflexivo sobre determinado assunto. Esse potencial subversivo abriga, contemporaneamente, um conjunto de obras poéticas que proliferam de modo cada vez mais inédito e veloz, seja por intermédio de vídeos compartilhados na *web*, duelos poético-performativos que ocorrem em ambientes públicos, entre outros. Diante do cenário exposto, é necessário notabilizar: a poesia, dada em diferentes modos e formas, está concentrando vozes femininas potentes. E neste âmbito de poetisas cuja palavra adquire cada vez mais amplitude, situa-se a escritora radicada no Rio de Janeiro, Maria Rezende.

Rezende, sobretudo, é múltipla. Eis um vocábulo que, dada a acepção genérica do termo, corresponde com propriedade às funções que a poeta, atriz, montadora de cinema e TV, cozinheira de grandes jantares e celebrante de casamentos, Maria Rezende, executa. Diante do desdobrável cotidiano da poeta, olhar para a particularidade da

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGLet/UFRGS), na linha de pesquisa 'Teoria, Crítica e Comparatismo'. Bolsista do CNPq. Email: douglasrosa.per@gmail.com.

carne do umbigo parece ser tarefa frívola, quase medíocre. Entretanto, e contrário a proposição anterior, o trabalho poético contido em *Carne do Umbigo*, terceiro livro da autora carioca, mostra-se um manancial de minúcias que retém o olhar – e a alma – do leitor. A apreensão poética de Rezende, desde o início da leitura, mostra-se multifacetada: característica que é equivalente, deste modo, com as incessantes variações da personalidade da poeta.

A orelha do livro, assinada por Marcelino Freire, possui teor questionável e duvidoso. Na contramão das questões implicadas no fazer poético de Rezende, Freire garante um tratamento de “musa sedutora” à poesia (e à pessoa) da autora. Indubitavelmente, a julgar pelas cores vermelho e preto que ornaram a capa, depreende-se que a sedução é um dos pontos do livro – mas não se trata apenas disso. As dedicações de Freire, além de reforçar os clichês de que toda mulher poeta é uma eterna musa inspiradora e deslumbrante, falam na via inversa dos conteúdos apontados na escrita de Maria Rezende. Ainda assim, *Carne do Umbigo* abre-se em sua plena singularidade semântica e imagética, comprovando ser o mais significativo livro da autora até o presente momento<sup>2</sup>.

Do ponto de vista do conteúdo, o livro mostra-se surpreendente, contando com algumas e mínimas ressalvas. De modo integral, *Carne do Umbigo* expõe-se como um livro de poemas inscrito e afiliado na pós-modernidade, visto que as rimas irregulares dos poemas associam-se ao trabalho métrico bem cuidado, mas descontínuo. À vista disso, *Carne do Umbigo* não trilha uma tendência estilística defi-

---

<sup>2</sup> *Substantivo Feminino*, de 2003, livro de estréia da autora, já havia inserido Maria Rezende na listagem de novas poetisas no cenário poético brasileiro. Contudo, a diferença entre o primeiro livro da autora e *Carne do Umbigo*, é dada pela maturidade da escrita que a poeta atingiu, além de se mostrar um livro com mais homogêneo do que o primeiro, contendo mais acertos do que erros. Por esta justificativa, esta resenha considera que *Carne do Umbigo* atesta a qualidade da poeta, tornando-se, até o momento, seu mais importante livro.

nida por uma tradição poética, mas opera entre formas e arranjos heterogêneos, transitando por diferentes experimentos de tessitura do texto.

O livro é aberto com um excerto de autoria de José Saramago, trecho que vale ser sobressaltado, a fim de que se depreenda um dos sentidos que predominam com maior relevo no conteúdo da obra: “quem de palavras tenha experiência sabe que delas se deve esperar tudo”, diz o autor português. Assim, deduz-se que a poesia de Maria Rezende trata-se, sobretudo, de entrelaçar o cotidiano com palavras, dando para as vivências caráter poético, fazendo da experiência de vida poesia, poema. *Carne do Umbigo*, neste sentido, transporta uma compilação de olhares construídos sobre os fatos. É a materialização do ato de vislumbrar o cotidiano.

Neste procedimento, o leitor adentra o livro com o poema que apresenta “*A louca da casa*” e depara-se com a naturalidade de uma rotina que se transpõe, sutilmente, a partir dos versos. O poema de abertura de *Carne do Umbigo* funciona como um convite para o leitor desavisado:

Eu durmo e acordo e abro as cortinas  
o dia sempre olha pra mim nessa hora  
ele nunca falha  
nem eu  
(REZENDE, 2014, p. 07)

O ritmo do poema é simples e as repetições remontam um caráter prosaico, de fala, como se o sujeito poético estivesse a demarcar e anunciar o vindouro, acomodando o leitor para que este se mova entre as próximas imagens. Esse tom familiar dado pelo tecido sonoro do poema, aliado aos versos de ritmo curto e ligeiro, conseguem abarcar a densidade dessa paradoxal “louca da casa” que, em

mútuo, é aquela que garante cadência à verbalização do traquejo poético.

Se o sujeito poético se exhibia em unidade no primeiro poema, há uma desagregação que o ramifica no poema “*Pulso aberto*”, um dos melhores de *Carne do Umbigo*. Na construção do poema, verifica-se um jogo de alternância entre sílabas fortes e fracas e destaca-se que cada verso possui uma palavra de som consonantal oclusivo mais forte, articulando o poema numa espécie de declaração, de considerável discurso. No que concerne ao sentido, o poema desenha imagens fortes, enunciando o pulso aberto, a carne exposta das mulheres e de suas histórias.

Em *Pulso Aberto*, os sujeitos poéticos não temem expor a mutabilidade do feminino, sobrelevando as identidades que situadas estão entre as “bruxas putas loucas santas” (REZENDE, 2014, p. 9). Com isso, o poema também assegura uma firme contraposição com a carga semântica negativa construída em torno da imagem da mulher, e exprime: “somos as que sangram sem ferida/donas do prazer/donas da dor/as invisíveis/as perigosas/as pecadoras/as predadoras” (REZENDE, 2014, p. 9). *Pulso aberto*, portanto, vem em “mulher/multidão”, visto que recepciona o leitor em toda a sua densidade e aporte sócio-histórico.

O poema a seguir, denominado *Anônimos*, continua a explorar a temática que Maria Rezende traz em *Carne do Umbigo*. Após expor a nudez e a variação da alma em *Pulso Aberto*, o sujeito poético modula-se em intimidade na sua relação com o leitor, frisando as fraturas que lhe acometem no cotidiano, salientando dramas que fazem enaltecer sua humanidade:

O peito ainda aberta  
a ferida segue aberta

mas tem luz no fim dos túneis  
(REZENDE, 2014, p. 10)

E essa luz grandiosa, ostensiva, leva o leitor à luminosidade capaz *De iluminar continentes*, título do próximo poema. Aqui, a tessitura poética cria encadeamentos a partir da ótica visceral do ser, culminando em eu lírico que escancara suas paixões e desejos, de modo a iluminá-las, tornando-as palpáveis. O lirismo dos versos aponta para os rastros do desejo e da impermanência, elucidando que

Eu te desejo nesse dezembro sem pressa  
e enquanto espero sua voz e seus lábios  
repito seu nome  
lambendo os meus.  
(REZENDE, 2014, p. 11)

**Letras**  
**Escreve**  
(ISSN 2238-8060)

Os sentimentos entonam-se, guiados por um trabalho em que rimas internas e um minucioso trabalho com palavras isoladas nos versos garantem o efeito sonoro do poema. Essa demonstração explícita daquilo que se sente apresenta sequência assegurada em *Calendário*, denominação poética que evidencia que não há data estipulada para a exteriorização do afeto, pois ele está imbricado na rotina, sendo manifesto hora a hora, momento a momento. Nota-se, até aqui, a afinidade entre os títulos e conteúdo dos poemas, visto que a leitura atenta de um garante a cadência que é encadeamento para pensar o próximo. Nisto, pode-se pensar que a arquitetura funcional de *Carne do Umbigo* é similar a uma interminável rede em que a trama cotidiana monta-se a partir da justaposição intensa das circunstâncias.

Ao findar o poema *Calendário* parte-se em direção a *Manhã de quarta-feira*, poema que é sequencial ao anterior. Nele, a apetência do afeto ainda parece predominar e o relato que centraliza o desejo é

evidenciado por meio do palavreado poético. Em *Calendário*, o sujeito poético mantém uma relação com outrem que é incluída e detalhada sob um viés poético. A palavra parece constituir o cenário, vivificar o ambiente e, sobretudo, ser a ponte que unifica dois seres:

A palavra sim na palma estendida  
a palavra sim no ar  
iluminada  
a palavra sim silenciosa a nos cobrir.  
(REZENDE, 2014, p. 13)

A partir daqui, a expressividade do afeto enquanto tema parece florescer e se avolumar na construção poética de *Carne do Umbigo*. Essa carne que é ostentada logo no título da obra remete ao humano, ao intrínseco do ser. Destarte, cabe salientar que os aspectos presentes na poesia de Maria Rezende não se mostram contidos, a poesia, tal como o sentimento, parece querer se entregar em pleno, traço que torna a formulação da poeta densa e original. Ao escrever sob a perspectiva da entrega, *Carne do Umbigo* nos permite acessar uma existência pura, que não é retraída ou moldada para caber no poema. O leitor depara-se com uma poesia que não apaga ou contém as contradições daquilo que é. O poema, em pleno, desnuda sentidos, mostra-se irrestrito:

#### Enchente

Com as costas em frangalhos  
e as mãos cheirando a sexo  
conduzo um automóvel em baixa velocidade

Os olhos têm lágrimas na porta  
mas se dividem em tarefas e espelhos  
alongando essa beirada até o fim da baliza

É em Copacabana que choro

Já chorei em muitos bairros de muitas cidades



(ISSN 2238-8060)

cristais de sal pelo chão de outros países

Hoje choro em Copacabana  
choro exatamente ao ser tocada

Por que mãos  
mais do que olhares  
sempre me desatam as válvulas?

Copacabana hoje é toda água  
eu me derramo  
(REZENDE, 2014, p. 18)

O conjunto poético de Maria Rezende mostra-se pertinente e em realce dentro de uma conjuntura em que a poesia brasileira abastece-se de novas e veementes obras e autoras. *Carne do Umbigo* não renova ou propõe nenhuma orientação enquanto forma. Preponderantemente, por exemplo, os poemas do livro desenvolvem-se em *redondilha menor*, versos curtos, que contém cinco sílabas – e tal característica não é uma regra que abrange a obra como um todo. Isto posto, a qualidade maior do livro não se condensa na sua estrutura enquanto forma, mas nas especificidades que advém dos sentidos que a leitura e análise poética ocasionam. As imagens pintadas nos versos de *Carne do Umbigo* descortinam a realidade, criando um simulacro poético a partir de um prisma que, até pouco tempo, era impositivamente silenciado: o ponto de vista da mulher sobre si, sobre a vida, sobre o mundo.

Por possuir um singular enfoque e conseguir sustentá-lo com poemas sonoramente bem construídos e capazes de dialogar uns com os outros, o terceiro livro de Maria Rezende é estimado, em sua integridade, como uma obra representante do que há de melhor nesta nova poesia. Recomenda-se, seguramente, a leitura desta contemporânea geração de poetas que têm promovido escritos que se deslocam daquilo que um dia foi considerado o centro. Com a poesia de autoria de mulheres, o presente revela-se com tons mais diversos,

múltiplos, mais democráticos. Afinal, *Depois de tanto verbo* cabe ainda mais um verso, e que ele possa chamar a esperança por meio da – aprazível, forte e nova – poesia que floresce em solo brasileiro:

Esperança  
esperança  
eu te quero  
eu te recebo  
vem  
(REZENDE, 2014, p. 54).

### Referências

- HUTCHEON, Linda. Poéticas do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- LOTMAN, Iuri. A estrutura do texto artístico. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.
- REZENDE, Maria. Carne do Umbigo. Rio de Janeiro: Editora Oito e Meio, 2014.

Enviado em 23/05/2017

Aceito em 18/08/2017

